

TRANSFORMAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA A PARTIR DA AFETIVIDADE

TRANSFORMATION OF PEDAGOGICAL PRACTICE FROM AFFECTIVITY

Arthur William Santos Pinheiro^{1*}

¹ Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP

*Correspondência: arthurwsp08@gmail.com

Resumo

O Centro Socioeducativo de Uberlândia (CESEUB) é comumente visto pela maioria das pessoas como um lugar hostil, pois é onde se encontram adolescentes reclusos por terem cometido algum tipo de crime. Dentro do CESEUB, funciona uma escola estadual que segue algumas características/normas de uma escola regular do estado, porém há diferença nas questões dos espaços e da segurança. O preconceito contra a escola e o sistema prisional faz com que muitos professores não queiram “pegar” aulas nessa escola, talvez por falta de informação quanto a segurança. Seguindo o padrão das outras escolas, o conteúdo esporte tem um papel importante e é objeto de desejo de muitos professores, talvez pela sua experiência e seu histórico esportivo ou por outros motivos, como por exemplo, a facilidade de se trabalhar esse conteúdo na famosa situação do “rola bola”. Entretanto, devido as próprias condições de espaço da escola fez-se necessário repensá-lo e tentar redimensioná-lo. Outro ponto importante é a questão da relação professor-aluno, que segue uma abordagem diferente devido ao público-alvo que carece de uma atenção especial por diversos motivos. Objetivo: Relatar a experiência e estratégias de um professor de Educação Física na Educação Básica em um Centro Socioeducativo por um ano e evocar, com base nesse contexto, os efeitos de uma pedagogia que leva em conta a afetividade com os alunos nas aulas e, também, a decisão didática de um redimensionamento do conteúdo esporte durante o ano letivo. Desenvolvimento: Priorizou-se, ao invés de uma pedagogia rígida e disciplinadora, um tipo de metodologia calcada nos afetos, na qual, como tem que ser, o aluno tem voz e exerce o direito de participar do planejamento das aulas, opinando sobre os conteúdos etc. e, principalmente, a forma como é tratado na relação professor-aluno. Uma das chaves para o sucesso no desenvolvimento de todo o programa educativo dentro do CESEUB é a questão do respeito, pois eles exigem respeito seguindo o que eles chamam de “leis do crime”; que funciona assim: se eles querem alguma coisa eles têm poder para obter. Por outro lado, os alunos são muito respeitosos com os professores, evidenciando que eles têm consciência que professor está lhes prestando um serviço, e que isso é uma manifestação de afeto. Quanto ao redimensionamento do conteúdo esporte se fez por uma necessidade, pois as aulas na quadra da escola só aconteciam uma vez por mês, pelo fato de ter poucos agentes de segurança na instituição, o que colocava todos em risco. Então foi preciso uma mudança nas escolhas dos procedimentos de ensino, o que até então parecia frustrante para o professor, mas que contemplava a demanda socioafetiva dos estudantes. Considerações finais: o papel do professor nas instituições como o CESEU, e outras também, é primordialmente social e educativa, tendo o professor a responsabilidade de fazer da sua prática pedagógica uma ação decisória que deve dimensionar os conteúdos de forma adequada para que atendam aos objetivos e necessidades do público-alvo.

Palavras-chave: Medo. Atleta. Esporte.

Abstract

The Socioeducational Center of Uberlândia (CESEUB) is commonly seen by most people as a hostile place, as it houses adolescents who have been detained for committing some type of crime. Within CESEUB, there is a state school that follows some characteristics/norms of a regular state school, but there are differences in terms of space and security. Prejudice against the school and the prison system leads many teachers to avoid taking classes there, perhaps due to a lack of information about security. Following the pattern of other schools, sports content plays an important role and is

desired by many teachers, perhaps because of their experience and sports background or for other reasons, such as the ease of working with this content in the famous “roll the ball” situation. However, due to the school's own space conditions, it was necessary to rethink and resize it. Another important point is the teacher-student relationship, which follows a different approach due to the target audience that requires special attention for various reasons. Objective: To report the experience and strategies of a Physical Education teacher in Basic Education at a Socioeducational Center for one year and to evoke, based on this context, the effects of a pedagogy that considers the affectivity with students in classes, and also the didactic decision of resizing sports content during the school year. Development: Instead of a rigid and disciplinary pedagogy, a methodology based on affections was prioritized, in which, as it should be, the student has a voice and exercises the right to participate in lesson planning, giving opinions on content, etc., and especially the way they are treated in the teacher-student relationship. One of the keys to success in developing the entire educational program within CESEUB is the issue of respect, as they demand respect following what they call “laws of crime”; it works like this: if they want something, they have the power to get it. On the other hand, students are very respectful towards teachers, showing that they are aware that the teacher is providing them a service, which is a manifestation of affection. The resizing of sports content was necessary because classes on the school court only happened once a month, due to the few security agents in the institution, which put everyone at risk. So, a change in teaching procedures was needed, which initially seemed frustrating for the teacher but addressed the socio-affective demand of the students. Final Considerations: The role of the teacher in institutions like CESEUB, and others as well, is primarily social and educational, with the teacher having the responsibility to make their pedagogical practice a decisive action that should appropriately dimension the content to meet the objectives and needs of the target audience.

Keywords: Affectivity. Pedagogical Practice. Socio-educational Center.

INTRODUÇÃO

Anseio compartilhar (sem nenhum receio da crítica quanto às minhas contradições ou com relação aos meus métodos), uma experiência profissional recente que tive na minha trajetória enquanto professor de Educação Física na Educação Básica, no Fundamental anos finais e Ensino Médio, acreditando que esta possa ilustrar um pouco do que penso sobre a questão da necessidade de se redimensionar, em alguns casos, o conteúdo de esportes na escola e, também, da diminuição do protagonismo no papel de professor.

Próximo de me formar, fiquei aflito em busca de lugares para trabalhar que envolvessem esportes, afinal, eu pensava que por ter sido atleta profissional de basquete, seria um peixe fora d'água, se não fosse assim. De qualquer forma, coloquei como segunda opção trabalhar em alguma escola, caso não tivesse portas abertas em instituições esportivas. Então, assim que me formei, enviei currículos, esperei um tempo e nada! Deste modo, “parti pra outra” e fui buscando vagas para ministrar algumas aulas em qualquer escola. O que “surgiu” para mim foi a oportunidade de trabalhar na escola que funciona dentro de um presídio, para menores de idade na minha cidade (CESEUB) ¹, e eu me disponibilizei de prontidão mesmo sem saber o que me esperava.

Desde o início, percebi uma grande distância entre os alunos e os professores, possivelmente, devido ao fato de estarem lidando com adolescentes que já tinham se envolvido em situações de criminalidade. No começo, senti um certo receio de que conflitos pudessem surgir entre os alunos e até mesmo comigo, especialmente por ser novato nessa realidade. Para contornar isso, decidi aplicar os princípios da pedagogia do afeto.

Segundo Piaget (1962), o afeto é fundamental para o funcionamento da inteligência, pois, sem ele, não haveria interesse, necessidade ou motivação. Isso resultaria na ausência de questionamentos ou problemas, impossibilitando o desenvolvimento da inteligência. Assim, a afetividade é uma condição essencial para a formação da inteligência. O termo afetividade é originado da palavra afeto, que vem do latim *affectio*. Conforme aponta Gonçalves (2011), o conceito de afeto abrange significados como relação, disposição, estado temporário, amor e atração.

Leite (2018) argumenta que a relação entre o professor e o ensino influencia diretamente as experiências do aluno, podendo resultar em marcas afetivas positivas ou negativas, o que, por sua vez, pode levar a uma maior proximidade ou distanciamento entre o aluno e o conhecimento, facilitando ou dificultando o processo de aprendizagem. Diante disso, nota-se que a afetividade está presente na relação entre o professor e aluno, sendo fundamental para o estabelecimento de um ambiente seguro e colaborativo, o que potencializa o aprendizado e o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Assim, o objetivo deste trabalho é relatar a experiência e estratégias de um professor de Educação Física na Educação Básica em um Centro Socioeducativo por um ano e evocar, com base nesse contexto, os efeitos de uma pedagogia que leva em conta a afetividade com os alunos nas aulas e, também, a decisão didática de um redimensionamento do conteúdo esporte durante o ano letivo.

¹ Centro Socioeducativo de Uberlândia-MG.

IMPACTOS POSITIVOS DA PEDAGOGIA DO AFETO EM SALA DE AULA

Pouco antes de começarem os dias letivos, ouvi dizer que os alunos só poderiam frequentar a quadra uma vez por mês. E que as aulas aconteciam somente dentro de celas adaptadas em salas de aula, onde as turmas tinham média de cinco a dez alunos por sala, num espaço de, aproximadamente, um quarto numa casa popular. Dessa forma, vi meu sonho de trabalhar o esporte, mesmo que “somente” como um conteúdo da escola, se desfalecendo.

Quando começaram as aulas e tive o primeiro contato com os alunos, fiquei com muito medo. E não é para menos: afinal estava lidando com adolescentes que haviam cometido crimes de tráfico, roubo, assassinato, tentativa de suicídio, membros de facção etc. Os “estupradores” eram cerceados do direito de ir à escola, por motivos de segurança. Enfim, trabalhar em um ambiente tão hostil é uma experiência tão diferente, que, de fato, não é para qualquer um! Uma vez ocorreu de alguns alunos me ameaçarem (isso aconteceu de fato)², porque eu queria passar conteúdo e cobrar o empenho deles, sendo que na verdade a intenção deles em frequentar a escola era apenas para sair do “barraco”.

Os outros professores também me transmitiam medo, contando histórias bizarras de fatos violentos ocorridos durante as suas aulas, mas, graças a Deus nas minhas aulas não aconteceu nada de natureza violenta, também não observei “episódios ruins” enquanto estive naquela escola, dando aulas. Na verdade, eu busquei criar um ambiente pacífico, promovendo um clima positivo, o que foi importante para prevenir ou mediar conflitos.

Passados alguns meses ali, consegui ficar mais tranquilo. Eles já se acostumaram comigo e passaram a aceitar minha presença entre eles. Assim, o ambiente deu um salto de qualidade e surgiu a possibilidade de ensiná-los algo muito além da Educação Física: a questão dos afetos. Então, com muita empatia, consegui perceber quais eram as verdadeiras dificuldades deles. A meu ver, as principais eram: a delinquência, algumas psicopatologias, o envolvimento no mundo do crime, os problemas com drogas e a dificuldade de se relacionarem de forma saudável.

Uma situação que ocorria com certa frequência e que graças a Deus não aconteceu comigo em sala de aula, eram as brigas, normalmente causadas por perseguições de membros de uma facção com alguém de outra. Quando esses episódios aconteciam a escola inteira ficava afetada, com muita gritaria nas salas e portões sendo batidos com os pés, e era nesse momento que eu tinha que manter a calma e depois tentar acalmá-los. As emoções dos alunos ficavam a flor da pele mesmo eles não fazendo parte da briga, era terrível. No tempo em que estive no CESEUB eu dei o meu máximo para que os alunos ficassem alheios ao que estava acontecendo em outras salas de aula, era difícil, mas eu falava com carinho com eles e eles me escutavam sempre dizendo “é quente, seo Arthur”.

A partir disso, o meu desafio, que passou a ser o meu objetivo também enquanto professor, era de tentar ajudá-los a quebrar algumas barreiras no campo social-emocional, ensiná-los como respeitarem uns aos

² Na situação, não quis tomar nenhuma providência, pois achei melhor me preservar.

outros e até mesmo de se permitirem demonstrar carinho e afeto pelas pessoas que faziam parte do ambiente de convivência deles.

O professor não pode refugiar-se nas suas obrigações funcionais, cumprir sua rotina, seus horários e ir embora, abrindo mão do seu papel de educador. Não pode ser apenas um conteudista, um transmissor de conhecimentos. O papel do educador, além de transmitir conhecimentos, é exercer uma influência positiva sobre os alunos e prepará-los para a vida (Costa, 2001, p. 90).

Para que isso acontecesse, tive que deixar de lado um pouco do que aprendi na graduação sobre o papel do professor e passei a pensar, primeiramente, como educador e acima de tudo como ser humano. Também não me preocupei tanto com os conteúdos, apesar de ter trabalhado quase todos, e, tampouco, com as metodologias e abordagens que se baseava a minha práxis. O que eu me atentei de verdade, foi quanto aos objetivos.

O importante nas minhas aulas, era que elas proporcionassem o desenvolvimento humano e a apropriação da afetividade dentro das dinâmicas e na imagem-mensagens que transmitia no meu papel de mestre-professor-amigo. Silva (2003) defende que é fundamental que a escola foque na humanização dos indivíduos e nas interações entre eles, ressaltando a importância de reavaliar ou fortalecer sua identidade, com a finalidade de promover essa humanização.

E, deu certo! Consegui mediar os conflitos (que não eram poucos) e, assim, as atividades propostas foram bem aceitas e tiveram bastante participação dos alunos. Agora, imagina se eu insistisse naquilo que era somente meu? O desejo de trabalhar o conteúdo de esportes utilizando métodos que eles não se agradaram e nem se agradariam, pois só queriam ser os protagonistas das aulas com o pleno direito de escolher como elas funcionariam. Enfim, respeitei e fui respeitado, não fiquei triste por não ter desenvolvido o esporte como eu gostaria e, devido as condições, fiz o que entendi ser melhor para os alunos, pois “ser educador hoje e sempre é ser portador de uma mensagem de esperança de que o ser humano pode ser modificado para melhor” (Silva, 2003, p. 66).

Durante o período em que lecionei no CESEUB, empenhei-me para deixar marcas positivas nos meus alunos, pois acredito que uma relação de ensino e aprendizagem marcada pela afetividade facilita a conexão entre professor e aluno. Assim, cada conquista, por menor que fosse, se transformou em uma vitória coletiva, reforçando a importância de cultivar relações respeitadas no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do meu tempo no CESEUB, enfrentei muitos desafios, mas também vivi momentos de grande aprendizado e conexão com meus alunos. Através de um trabalho dedicado e de uma abordagem que priorizava o respeito e a empatia, consegui construir uma relação significativa com eles. Esta interação não apenas enriqueceu minhas aulas, mas também fortaleceu os laços de respeito que foram cultivados ao longo do tempo.

Essas experiências reforçam a ideia de que a educação vai além do conteúdo acadêmico; trata-se de tocar vidas e inspirar mudanças. Ao olhar para trás, percebo que as memórias construídas em sala de aula, os sorrisos e as histórias compartilhadas são as verdadeiras medidas do meu impacto. Estou convencido de que, mesmo em meio a dificuldades, cada momento de conexão teve o poder de transformar não apenas a vida dos alunos, mas também a minha própria trajetória como educador.

Por fim, me senti feliz trabalhando com os meus alunos e acredito seguramente que também causei impacto de felicidade neles, pois fui agente de transformação naquele local. Como não tem como medir a felicidade que provoquei nas pessoas, me contento com o pensamento de que o sucesso não está somente nos resultados mensuráveis, mas também nos abraços que ganhamos e na saudade que deixamos!

REFERÊNCIAS

COSTA, A. C. G. da. **O professor como educador: um resgate necessário e urgente**. Salvador: Fundação Luís Eduardo Magalhães, 2001.

GONÇALVES, L. Origem da palavra “Afeto”, 2011. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/afeto-e-afetar/> . Acesso em: 06 out. 2024.

LEITE, S. A. S. **Afetividade: as marcas do professor inesquecível**. Leite, S. A. S. (Org.). – Campinas, SP: Mercado das Letras, 2018.

PIAGET, Jean. The relation of affectivity to intelligence in the mental development of the child. In **Bulletin of the Menninger Clinic**. vol. 26, no 3. 1962. Publicação original em língua inglesa, tradução disponível em: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/piaget/afetividade-e-inteligencia/> . Acesso em: 02 out. 2024

SILVA, J.M. da. Políticas Públicas em educação e formação docente: problema da (in) disciplina examinado sob a ótica de um “currículo formativo. In: Meneses, J. G. C. de.; Batista, S. H. S. S. (Org). **Revisitando a prática docente: interdisciplinaridade, políticas públicas e formação**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.